

tivo, era muito usado pelos peras que não são dos que mais gostam de se verem carregados de filhos".

As mulheres alemãs, que desejavam muitos filhos para darem oficiais e grandeeiros aos batalhões do rei da Prússia, ficaram alarmadas. E também alarmadas ficaram as "Fraulein", criaturas de boa compleição que queriam maridos fortes, so terem conhecimento de uma anedota, divulgada então por Buralalamarque.

Segundo ela, uma rainha da Pérsia, vendo o esforço que faziam algumas pagens para segurar um cavalo, indagou do motivo. Foi-lhe explicado da maneira mais decente possível, que ora para castrá-lo. Ao que ela respondeu que lhe dessem café, pois, há quatro anos que o seu marido tomava a negra bebida, com idéntico resultado.

Havia, entretanto, a reação em sentido contrário. Os devotos da bebida a transformaram em panacéia. Servia para tudo quanto era doença. Curava a hidropisia, a gôta e o escorbuto, moléstias frequentes na época. Os egípcios a consideravam afrodisíaca. Pasqua Rosée, o seu divulgador em Londres, afirmava que era boa até para impedir abortos.

Hoje, tudo isso passou. O café que, no Ocidente, começara nas farmácias, passando, depois, para as casas de degustação, penetrou nos lares e voltou às farmácias, tendo aplicação insubstituível, como estimulante do coração e dos nervos. E a cafeína (o seu princípio ativo) e parte componente de uma série inumerável de produtos medicinais.

Restam, porém, dois preconceitos contra o café: o de que excita os nervos, devendo, por isso, ser eliminado da dieta das crianças, até os dez anos de idade.

Há ainda certos programas de propaganda, nos Estados Unidos e na Europa, da responsabilidade de algumas marcas de café descafeinado, em que se aconselha o público a "poupar o coração".

Não conheço campanha mais injusta e menos "fair". Os fabricantes tiram a cafeína do café e a vendem à parte, obtendo, certamente, um bom lucro. E o resto, o "bagaço", isto é, café só com os óleos, mas sem o seu elemento natural básico que é a cafeína, é vendido por preço mais alto, sob a alegação de ser um café inofensivo, por castrado.

No caso, não há nem a diferença, digamos, entre um touro e um boi de carro. Ambos prestam grandes serviços, cada qual em seu setor. Mas o café descafeinado apenas dá uns restos de perfume a quem não pode, por motivos de saúde, suportar os efêlvios da cafeína. Está muito bom para os doentes. As pessoas sadias não precisam, porém, preocupar-se com o coração. O café é para elas, não um péso, mas um tônico, o maior tônico cardíaco que lhe deu a natureza.

Há, por outro lado, muitas pessoas que deixam de tomar café à noite, receosas de que lhes roube o sono. Na verdade, uma dose de café forte assegura a vigília, seja dos frades, nos conventos antigos, quando foi descoberta a bebida, seja nos quartéis, ou nos jornais. Mas café à noite, em porção normal, é apenas uma questão de hábito.

Resta o preconceito contra o uso da perfumada bebida pelas crianças. Que

# Estamos Perdendo o Mercado Cafeeiro do Prata

A importação argentina de café brasileiro, em 1958, foi de quase 600.000 sacas. Em 1959, essa importação diminuiu, sendo apenas de 315.482 sacas, ressaltou o Dr. Antonio de Queirós Telles, do Conselho Consultivo da Sociedade Rural Brasileira, em reunião semanal da entidade.

Neste ano, de janeiro a julho exportamos para essa procedência 181.917 sacas.

Estamos, portanto, com uma sensível diminuição de vendas para a República Argentina, desde 1959, sendo de quase 50%, que continua a se processar neste ano. A respeito temos informações do Escritório de Expansão Comercial do Brasil, em Buenos Aires, que diz:

"Procedentes de Mombassa e Monróvia acabam de chegar ao porto local duas partidas de café, trazidas, uma por barco japonês e a outra por navio da Holanda. Essa notícia, nada agradável para o comércio exterior brasileiro, não veio causar grande surpresa, pois em outras oportunidades já havíamos prognosticado a concorrência do café africano, no mercado platino.

Por convênio celebrado entre o Brasil e a Argentina, o produto nacional entra nesta praça sem encargos. O mesmo não acontece com o café da África, sobre o qual incide uma sobretaxa de 20%. Apesar disso e da apreciável distância existente entre o porto de Buenos Aires e os portos africanos, a mercadoria procedente dessas origens é introduzida neste mercado por preço mais reduzido que o café brasileiro. A principal razão está na mão-de-obra baratíssima da agricultura africana. O transporte, feito por nações possuidoras de grandes e bem aparelhadas frotas comerciais, como Japão e Holanda, parece ser, também, fator de especial relevo neste conjunto.

O prazo de 180 dias, concedido pela CAGEX aos importadores argentinos, foi medida acertada e inteligente. Mas o problema tem outras faces que também devem ser examinadas para que o resultado venha a ser uma solução totalmente favorável aos interesses brasileiros.

O que acontece com o café está, também, ocorrente com o côco ralado. Este produto vem sendo trazido do Ceilão em apreciáveis quantidades, apesar do recargo

de 100% e da respeitável distância percorrida. Os motivos da preferência argentina são, fundamentalmente, sempre os mesmos: bom preço e longos prazos de pagamento.

O antigo e já gasto slogan de que as economias do Brasil e Argentina se completam, parece estar sendo superado. Tudo indica que este País está entrando em uma nova fase, no que tange a seu comércio exterior, o qual vem sendo encarado de forma mais dinâmica e positiva. Possuidora de indústria leve com excedentes exportáveis, a Argentina tenta assiosamente introduzir suas manufaturas em novos mercados consumidores e por isso abre seus portos a produtos que, tradicionalmente, comprava do Brasil.

Um dos fatos que ilustram de forma especial essa nova diretriz do comércio argentino é o recente estabelecimento de uma campanha para a formação de consciência exportadora, no decurso da qual os problemas básicos, ligados à exportação, serão focalizados, analisados e debatidos entre os membros do Governo e representantes das classes interessadas, para um posterior equacionamento em bases racionais."

O que se depreende da situação cafeeira da Argentina, acima exposta — prossegue o Dr. Queirós Telles —, é que esse País, arruinado pelos anos da ditadura peronista, quer comprar café barato, não se preocupando com a qualidade.

Mas, mesmo nesse setor o Brasil está em condições de fornecer-lhe o que deseja, sem precisar recorrer ao produto de outras procedências.

Temos os cafés do Estado do Rio de Janeiro, de partes de Minas Gerais e do Espírito Santo, que podem perfeitamente suprir o mercado argentino e cujos preços acompanham os africanos. Não há, pois, razão para desinteressar por nosso produto em favor do africano.

Pelo que sabemos, o grosso das importações argentinas, presentemente, constituem-se de café brasileiro procedentes dessas regiões. E, até firmas tradicionalmente importadoras de cafés finos do Brasil estão se voltando para os inferiores citados, a fim de se adaptar à situação econômica da população argentina, — finalizou."

se trata de verdadeiro preconceito, não se pode ter dúvida, dado os hábitos existentes, digamos, nos Estados Unidos. Ali não permitem o uso do café antes dos dez anos. Mas dão-lhes, no inverno e, sobretudo, no verão, canadas de "coca-cola", agradável bebida que não contém nem coca, nem cola, mas cafeína em dose maior por meia garrafa de uso comum, do que uma xícara grande da rubiácea, das que são utilizadas naquele país.

Este mesmo preconceito, porém, está a desfazer-se. Agora mesmo, acaba de aparecer no "Philadelphia Bulletin", uma revista com um círculo de 700.000 leitores, um estudo em que se aconselha às mães darem alimentos sólidos aos filhos com dois dias de idade e café negro, logo que possam segurar uma xícara. Estes conselhos foram dados por um médico de Miami, Sr. Walter W. Sackett Júnior, em conferência proferida na convenção da American Medical Association. As suas conclusões são o fruto de uma longa

experiência, feita em sua clínica, durante muitos anos, e também em sua família, com os seus próprios filhos.

Eis aí uma bela notícia. Nós, dos países tropicais e, especialmente, aqui do Brasil, sabemos que as crianças podem tomar café com proveito. Não há inconveniente algum. Mas, nos Estados Unidos, há o preconceito contra o uso da rubiácea pelos infantes abaixo de dez anos. As próprias estatísticas de consumo são levantadas com exclusão da camada da população abaixo daquela idade.

O preconceito, contudo, deverá desaparecer, com o progresso, como desapareceram os prejuízos e os tabus. Não há de demorar muito o dia em que o negrinho café, como uma figurinha de Alí Johnson, há de entrar no céu da dieta, sem mancha de espécie alguma, todo de branco, de véu e capela, benquistado de todos, inclusive das crianças.

(Do "Diário de São Paulo")